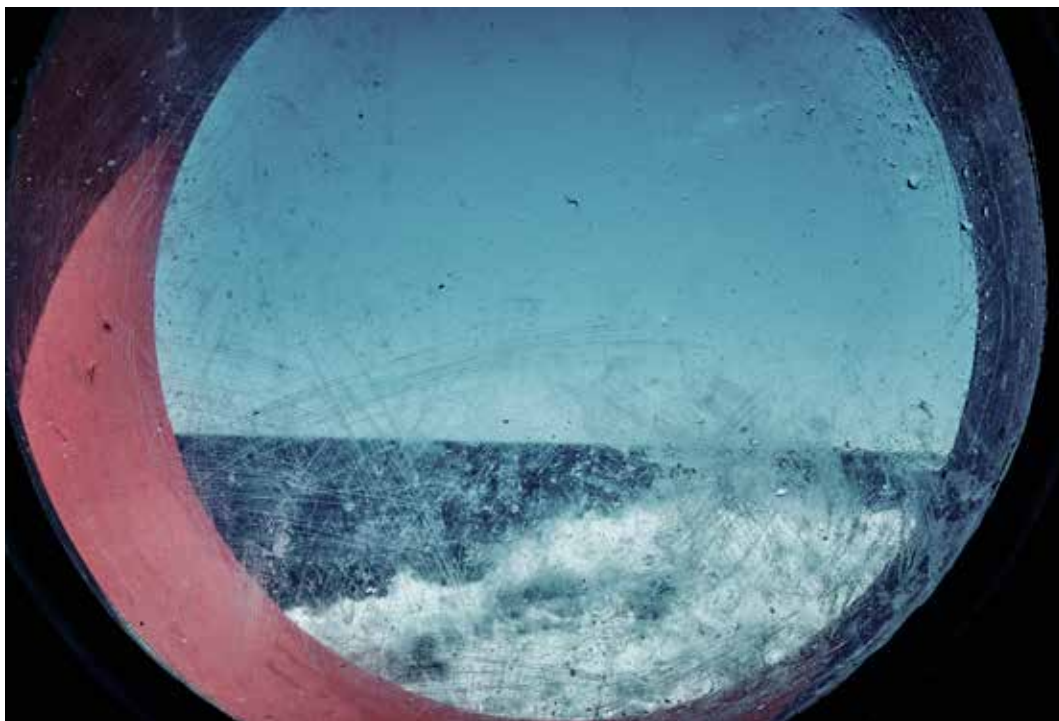


A low-angle, back-view photograph of a person wearing a bright red, waterproof, hooded jacket with black reflective stripes. The person is standing on a boat deck, with a metal pulley and rope visible in the lower right. The background is a clear blue sky with light, wispy clouds. The overall mood is one of maritime adventure and resilience.

# Atlântico

25 DE JULHO A 25 DE SETEMBRO, 2019  
MUSEU MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM

HELDER LUÍS



©2019 HELDER LUÍS

O processo de trabalho que antecede este texto diz respeito à seleção de fotografias que formam o ensaio fotográfico *Atlântico*, da autoria de Helder Luís. Consiste num livro que contém a totalidade das fotografias escolhidas e uma exposição com uma seleção mais restrita, complementada por um filme.

Sem entrar em grandes detalhes revelo que a minha partilha de experiências com o Helder se estende até ao século passado. Pertencemos a esse grupo de pessoas que viveu intensamente a sua juventude na transição para o séc. XXI, que para nós corresponde à construção de uma certa maturidade associada ao percurso profissional e artístico que perseguimos. Neste trabalho, por mais distanciamento e objetividade que se tente manter, nunca estamos muito longe de relações de admiração e proximidade. Uma proximidade analógica que não depende de nenhum dispositivo digital ou virtual para existir, no entanto, ambos interagimos com a evolução tecnológica que nos acompanha, porque o medium fotográfico com que escolhemos trabalhar continua a ser um dos motores dessa mudança permanente.

Nos anos noventa, quando começamos a fundir a nossa criatividade em projetos que se serviam da fotografia, da música, das artes gráficas ou do cinema, eu explorava obsessivamente o processo fotográfico. Interessando-me por tudo e fotografando com todos os meios a que tive acesso, acumulei uma imensidão de fotografias que continuam à espera de serem percorridas pelo olhar, em películas fotográficas ou ficheiros digitais, sem nunca terem sido

ampliadas ou impressas e nem sequer submetidas a processos de seleção ou comparação. Ao reler os *Ensaaios Sobre Fotografia* de Susan Sontag, não deixo de reconhecer que faz sentido uma ecologia das imagens, porque já há muitas fotografias no mundo e continuam a acumular-se aos milhões por segundo. O pior é que muitas nos entram pelos olhos dentro sem as podermos evitar e tudo se mistura num imaginário que nem sempre é belo, poético, justo ou verdadeiro. Hoje procuro não adicionar mais fotografias ao mundo e dedicar-me a redescobrir o prazer que sempre lhes associei, nas que já existem e que eventualmente ainda não foram descobertas, mas continuo a espantar-me por ver o desejo pela fotografia florir em outras pessoas que alimentam o fascínio por esta arte, que tem o poder da repetição mas também da reinvenção, já que a marca do tempo é inseparável das fotografias.

O desenvolvimento permanente de processos fotográficos dos quais derivam também o cinema e a televisão, associado a uma gradual simplificação e disseminação global, foi um dos motores da industrialização do mundo. Desde a sua descoberta no séc. XIX, as imagens fotográficas contribuíram para uma aceleração tecnológica que tem hoje uma responsabilidade enorme no consumo desregrado e irresponsável de materiais sintéticos como o plástico. O excesso de fotografias chega-nos portanto acompanhado de muitos outros excessos e tão tardiamente despertamos que não se vislumbram soluções.

A ecologia das imagens precisa de ser acompanhada de uma ecologia de tudo, porque não há outra saída. Há por isso razões para se continuar a fotografar sensivelmente e certamente, fazendo-nos acompanhar pelas palavras de Vilém Flusser, que nos diz no seu ensaio *Para uma Filosofia da Fotografia*, que ao fotógrafo cabe adicionar às fotografias os seus próprios programas ou conceitos em vez de repetir cegamente os que foram pré-definidos pela indústria ou motivados por razões de ordem política ou religiosa.

Ao autor do projeto *Atlântico* podemos atribuir uma vontade imensa de aprofundar o seu conhecimento do medium fotográfico e seus vocabulários, mas também de investigar o tema que escolheu, manifestando um forte desejo de contribuir para a sua inventariação e divulgação. Esta escolha revela uma preocupação com um património material, imaterial e natural que diz respeito universalmente a todos os pescadores e a nós que nos alimentamos da sua coragem. Há no entanto um centro a partir do qual irradia a investigação que se inicia neste *Atlântico*, que coincide com a localização geográfica da Póvoa de Varzim, a partir do qual deriva esta viagem e outras que se seguirão. Como se não fosse bastante, Helder Luís ainda aplica nesta obra a sua experiência como designer gráfico, que lhe permite conceber e desenhar o livro, fazer e angariar textos e ilustrações que complementam ou expandem os ensaios fotográficos e por fim proceder à materialização desse objeto em todos os seus detalhes distintivos. Raramente tudo isto está ao alcance de uma só pessoa, pensamos nós, mas acrescenta-se ainda conceber uma exposição e um filme e mostrar tudo isso publicamente num determinado momento. A sua vontade é a de adicionar conhecimento ao mundo mas também a de organizar o já existente.

No livro a que chamou *Burning with desire*, resultado do seu doutoramento, o historiador Geoffrey Batchen analisa esses tempos em que em vários países do mundo, se experimentaram intensamente os processos físico-químicos que conduziram à descoberta da fotografia. A sua tese de algum modo demonstra que o prazer e o desejo estiveram na génese do processo e continuam a mover as pessoas que se apaixonam por ele. Reencontro neste trabalho esse prazer que parece transportar-nos para os primórdios da história da fotografia e do tal desejo ardente de capturar as imagens desenhadas pela luz que, dentro de um limitado campo de visão, são fieis ao que reproduzem, mas também são uma distorção do tempo que nos devolve a consciência da morte.

Quase todos os retratos fotográficos vão ao encontro ou procuram afastar-se das convenções das fotografias de identificação. Os retratos com que se encerra esta história, são frontais e têm um enquadramento reminescente dos que temos nos passaportes, mas

são demasiado detalhados e belos para serem comparáveis com as fotografias pobres com que se ilustram os documentos atuais. Para além do detalhe e qualidade técnica, evidenciam rostos de homens num momento de pausa do seu trabalho, mas parece haver uma humanidade diferente nestes rostos, que os liga entre si e ao fotógrafo, que talvez se explique com o prazer de trabalhar e sobreviver coletivamente, apesar da dureza das circunstâncias. Exige-se ao fotógrafo que vai para o mar com os pescadores, o mesmo esforço e capacidade de sobrevivência das pessoas que acompanha, que enfrentam a vertigem do mar em quase todos os dias bons e em muitos dias maus. A função do fotógrafo pode ser a de observar e traduzir a sua visão nas imagens que captura, mas enquanto o faz, passa pela mesma experiência extrema. Tem que haver algo da bravura dos pescadores naquele que os observa. Ao autor deste ensaio documental interessava inventariar as pessoas que conheceu e com quem partilhou aquela experiência, guardar uma impressão das suas aparências e culturas, com a câmara e com o lápis, porque as fotografias não substituem a escrita nem a memória e muito menos a experiência.

Resolvido o desafio de capturar as fotografias, possivelmente demasiadas, enfrentamos o da seleção/curadoria, em função das formas que a documentação do trabalho vai adquirir, um livro, uma exposição, um filme. As fotografias digitais transportam consigo metadados que nos fornecem as informações necessárias para uma rápida organização cronológica, mas não demoramos muito a perceber que a ordem dos acontecimentos nem sempre favorece a compreensão de um espectador distanciado, por isso procurou-se outra sequência narrativa que se sobrepõe ao tempo cronológico, que foi o da experiência única e intransmissível do fotógrafo. Nenhum monitor de computador poderia substituir um chão forrado de fotografias quando chegou a hora de confrontar, relacionar e excluir. A experiência aprofundou-se com a observação repetida das imagens, que revelaram coisas diferentes a cada olhar e em cada momento. Procurou-se conversar com elas e perceber como se relacionavam com as suas vizinhas, se precisavam de estar sós ou se ficavam melhor acompanhadas. Deste diálogo surgiu uma arrumação e um sentido narrativo que não estará muito distante da montagem de um filme. Só que este filme é um livro de fotografias e os livros são objetos a que dedicamos um amor tátil, como nos canta o Caetano Veloso. Quem os faz sabe que materializa um objeto que tanto pode perecer na água como nas chamas, como o nosso corpo, mas que antes de desaparecer possivelmente ajudará a mudar alguma coisa.

Cesário Alves



©2019 HELDER LUÍS

Este projeto tem como tema principal as duas viagens que fiz a bordo do *Íris do Mar*, um barco de Ponta Delgada (Açores). A primeira viagem aconteceu em Junho de 2018 e teve a duração de quatro dias, entre o porto da Póvoa de Varzim e o porto de Ponta Delgada. A segunda viagem aconteceu quase um ano depois entre o final de Abril e o início de Maio de 2019 e teve a duração de dez dias com origem e destino no porto de Ponta Delgada. Enquanto a primeira foi muito pouco convencional... durante quatro dias não se pescou nem trabalhou e houve espaço para relaxar e contemplar, servindo o propósito original de devolver o barco ao seu porto de origem, a segunda foi uma viagem naturalmente dedicada à pesca e em que o trabalho foi constante e ocupou tudo e todos. O projeto é composto por uma exposição de fotografia que inclui a exibição, em formato de instalação permanente, de um filme que documenta o ambiente a bordo do *Íris do Mar* durante a segunda viagem e um livro de fotografia documental. O livro é, acima de tudo, sobre o mar, um livro de fotografia documental que aborda o mar como espaço para a exploração, a descoberta e a transformação pessoal e finalmente como um lugar para a interação humana a bordo de um barco, um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, que existe por si só, que está fechado sobre si próprio, mas que ao mesmo tempo é abandonado à infinitude do mar, ao longo de duas viagens através do Oceano Atlântico. A primeira viagem teve para mim uma qualidade meditativa, talvez pelo facto da meditação e a água encontrarem-se indissolúvelmente ligadas. Quando não estava a fotografar ou a conversar com um dos

tripulantes, passava o tempo no convés superior a ler e a observar o mar. Refletia na qualidade desta experiência que estranhamente me era familiar mas ao mesmo tempo rara, algo semelhante a uma comunhão com a natureza e um abandono do eu numa imensidão azul. Foi uma viagem calma sem grandes preocupações ou atribulações. O objetivo era levar o barco até Ponta Delgada e foi exatamente isso que fizemos. Não se pescou nem trabalhou, para além de uns pequenos trabalhos de manutenção que ficaram por terminar durante a estadia do *Íris do Mar* na Póvoa de Varzim. A segunda viagem, foi muito diferente da anterior. O trabalho não parava durante o dia e quando era necessário continuava pela noite dentro. Mesmo assim o ambiente era descontraído e no geral bem-disposto. Todos sabiam o que fazer e quando o fazer. Para mim, mais do que o trabalho, foi a descoberta de um mar ainda abundante de peixe, alguns de um tamanho que eu nunca tinha visto, e o testemunhar do esforço de homens que vivem o mar com uma naturalidade de quem nele sempre viveu. A abraçar tudo isto, a história de um pai e de um filho e o amor de ambos por um barco e pelo mar. Porque no mar não só nos encontramos a nós próprios como também encontramos outras pessoas a encontrarem-se a elas próprias e penso que é essa forma de estar, partilhada a bordo de um barco, no meio do oceano, que faz com que esta experiência signifique o que significa para mim e para muitos outros. O mar é um local de transformação, tudo o que nele é imerso muda de natureza, inclusive as pessoas.

Helder Luís

## HELDER LUÍS

Póvoa de Varzim, 1973

Designer, artista multimédia, músico e fotógrafo.

Estudou design gráfico e tipografia e desde 1996 trabalha para inúmeras empresas e instituições dentro e fora de Portugal. O seu trabalho de design gráfico foi exposto em vários eventos nacionais e internacionais e publicado em inúmeras publicações incluindo a revista *Publisch* e o livro *Marcas & Trademarks PT*, aonde figuram várias marcas desenhadas por si ao longo dos anos.

Como artista multimédia desenvolveu inúmeros trabalhos individualmente e em colectivos como *Ginsonic* (com Dario Oliveira e Miguel Dias), *Houselab* (com João Paulo Feliciano, Rafael Toral, Rui Toscano e Rui Gato), *Landscape* (com João Pedro e Sérgio Gomes) ou *System Modular* (com João Santos e Carlos Lobo) entre outros.

Como músico integrou alguns projetos, entre eles *Clockwork*, e apresentou-se a solo como músico experimental em vários concertos explorando a guitarra como gerador de som. Colaborou também, como artista, designer multimédia e consultor, com artistas como Cesário Alves, John Baldessari, João Carriho, João Paulo Feliciano, Julião Sarmento, Lawrence Weiner, Rafael Toral, Rui Horta, Rui Toscano, entre outros. Apresentou o seu trabalho em exposições

individuais e colectivas e em eventos ou instituições como Art Attack, Bienal da Maia, CAM/ACARTE, Curtas, Dança do Brasil (Rio de Janeiro), ESAD, ExperimentaDesign, Expo2000 (Hannover), Fonoteca, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto2001, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Ravinia Classical Music Festival (Chicago), Rivoli, Silo – Espaço Cultural entre outros.

Em Junho de 2018 apresentou no Museu de Arte Contemporânea de Serralves a instalação *MAR*, que abriu as portas para a exploração da temática do mar e dos pescadores e desde então tem vindo a fotografar, filmar e a capturar som a bordo de várias embarcações ao largo da costa Portuguesa e dos Açores e pelo Atlântico fora.

Em Novembro de 2018 apresentou, na Solar – Galeria de Arte Cinemática, a instalação *Under the Above*. Uma peça que explora a temática do afogamento e os sentimentos de abandono e solidão em alto mar.

Neste momento frequenta o mestrado de Fotografia e Cinema Documental na ESMAD (Escola Superior de Media Artes e Design) com o objetivo de desenvolver o projeto documental intitulado *7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares* sobre os pescadores da Póvoa de Varzim, integrado na residência artística MARPVZ19/20, apoiada pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, e a apresentar no final de 2020.

©2019 HELDER LUÍS / AUTORETRATO A BORDO DO ÍRIS DO MAR. AL GUBRES NO OCEANO ATLÂNTICO



# MAR PVZ 19/20

## Apresentação da residência artística

Esta residência artística surgiu no seguimento do trabalho que tenho vindo a desenvolver posterior à instalação *MAR*, que concebi a convite do Museu de Arte Contemporânea de Serralves e que esteve instalada na Capela de Serralves em Junho de 2018.

Esta é uma oportunidade para levar muito mais longe o trabalho que realizei com a instalação *MAR*, e posteriormente com a instalação *Under the Above*. Paralelamente a estas obras tenho vindo a desenvolver um trabalho documental que pretendo explorar mais a fundo e dedicar dois anos da minha vida a fotografar, filmar e a pensar no mar e nas pessoas que ainda hoje vivem dele. É minha intenção transformar esse trabalho em objetos e interpretações artísticas e documentais dessa realidade que perdurarão no tempo e serão testemunhos no futuro de um período de tempo singular em que ainda tínhamos uma relação com o mar remotamente semelhante à que os nossos antepassados tiveram, e que dentro de muito pouco tempo poderá não existirá por completo.

Durante a produção da instalação *MAR* embarquei em vários barcos de pesca poveiros e essa experiência tocou-me de uma forma que ainda hoje não consigo compreender totalmente. É difícil entender se foi apenas a experiência de estar no mar, a partilha de momentos únicos ou a cumplicidade com os pescadores que me aceitaram como um deles, ou se foi algo que se revelou, inesperadamente, dentro de mim. O certo é que quero ir para o mar, e sempre que vou levo comigo a ansiedade de capturar algo tão fugaz e imaterial que provavelmente habita apenas dentro de mim, mas mesmo

assim vou armado de uma ingenuidade que é própria de quem persegue algo que sabe existir. Nunca antes tinha questionado a minha relação com o mar nem com a pesca ou os pescadores poveiros. No entanto, a minha ligação ao mar é certamente resultado de ter vivido a minha infância e a maior parte da minha vida adulta na Póvoa de Varzim, perto do mar. Mas após o convite de Serralves algo em mim automaticamente despertou para esta questão. Realmente, existia e existe em mim uma relação muito mais profunda do que aquela que conscientemente pensava existir.

E que relação é essa? As minhas primeiras memórias remetem-me para os passeios junto ao mar, pelo cais e porto de pesca com o meu avô João Silva, que não era pescador, ao contrário do resto da sua família, mas sim um alfaiate reformado que chegou a imigrar para o Brasil (como muitos poveiros). As visitas à loja junto à praia para comprar peixe com a minha mãe e os dias passados junto à enseada onde os pequenos barcos se abrigavam, e pelo porto de pesca com a sua constante entrada e saída de barcos.

Anos mais tarde, quando já era um pouco mais velho, percorria o cais sozinho ou por vezes acompanhado de amigos. Admirava as gigantescas pedras de granito que protegiam o cais da fúria do mar e explorava os espaços entre elas como se de grutas se tratassem. Era uma experiência particularmente excitante quando o mar estava mais agitado, já que as ondas por vezes galgavam o paredão e molhavam quem por lá passava.

Ainda hoje os poveiros percorrem o cais em dias de bom tempo para sentirem os salpicos de água salgada na face, tal como os pescadores o sentiram e ainda hoje o sentem ao passarem a barra.

As mulheres dos pescadores vestidas de preto eram também uma visão constante. Havia uma dor que permeava esta gente e ao crescer na Póvoa de Varzim, inevitavelmente somos expostos a esta dor que acaba por fazer parte da nossa cultura. O perigo e a morte estavam presentes, quer por ver partir os pescadores, quer pelas histórias dos naufrágios que nos chegavam de tempos em tempos. A vida em terra e no mar estava intrinsecamente ligada a essa realidade de coragem e dor, especialmente se vivéssemos junto da comunidade piscatória ou se tivéssemos familiares que fizessem parte dela.

No âmbito desta residência artística pretendo publicar três livros acompanhados das suas respectivas exposições de fotografia, e produzir um evento multimedia, uma instalação e um documentário. As exposições estarão patentes no Museu Municipal e n'A Filantrópica. O evento multimédia acontecerá junto à Igreja



©2019 HELDER LUÍS / PESCA DA SARDINHA

da Lapa e a instalação será apresentada na capela da fortaleza de N.º Sr.ª da Conceição. O documentário será exibido pela primeira vez no Cine-Teatro Garrett.

A residência artística arrancou em Março de 2019 com a exibição do vídeo da instalação *MAR*. Este foi, simbolicamente, o arranque da residência artística.

Agora partimos mar dentro através do projeto *Atlântico*, um projeto fotográfico que relata a minha viagem da Póvoa de Varzim até Ponta Delgada e a pesca ao largo dos Açores, a bordo do *Íris do Mar*.

Em Outubro apresento o projeto *Sardinha*, um livro e uma exposição de fotografia sobre os homens que ainda hoje pescam esta espécie tão procurada pelos Portugueses e atualmente em risco de extinção.

Em 2020, apresentarei um evento multimédia ao ar livre, junto à Igreja da Lapa, intitulada *Supplica*, em evocação à tragédia de 27 de Fevereiro de 1892. A seguir, em Junho, apresentarei uma instalação sonora reativa intitulada *Búzio* na capela da fortaleza de N.º Sr.ª da Conceição.

O trabalho final, intitulado *7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares*, é um projeto extenso que será desenvolvido ao longo dos dois anos da residência artística e que resultará num livro, numa exposição de fotografia e num documentário. Este projeto será integrado no mestrado de fotografia e cinema documental que frequento atualmente na ESMAD, como tese.

## 2019

### MAR

Apresentação da residência artística  
Sessão especial com projeção do vídeo da instalação *MAR* na sala principal  
Março – Cine-Teatro Garrett

### Atlântico

Livro e exposição de fotografia  
Julho – Museu Municipal

### Sardinha

Livro e exposição de fotografia  
Outubro – A Filantrópica

## 2020

### Supplica

Evento multimédia  
Fevereiro – junto à Igreja da Lapa

### Búzio

Instalação sonora reativa  
Junho – Capela da Fortaleza de N.º Sr.ª da Conceição

### 7 Barcos, 7 Vidas, 7 Mares

Livro e exposição de fotografia  
Outubro – Museu Municipal  
Apresentação do documentário  
Dezembro – Cine-Teatro Garrett

WWW.MARPVZ.PT

MAR  
PVZ  
19/20

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO E  
LANÇAMENTO DO LIVRO "ATLANTICO",  
DIA 25 DE JULHO ÀS 21:30  
MUSEU MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM

ENTRADA LIVRE

X  
FUJIFILM

Museu  
Municipal  
Póvoa de Varzim

Póvoa de Varzim  
câmara municipal